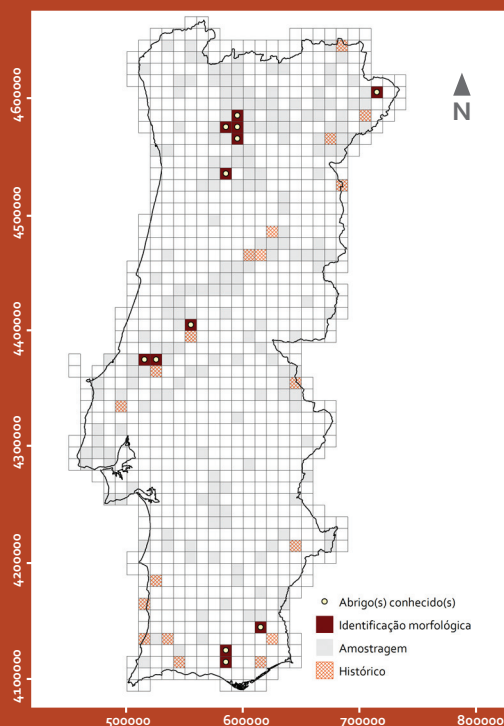


Myotis blythii (TOMES, 1857)

Morcego-rato-pequeno



Fotografia de Paulo Barros



Myotis blythii (TOMES, 1857)

QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

As populações europeias desta espécie foram durante muito tempo consideradas como constituindo uma espécie distinta - *Myotis oxygnathus* - mas esta foi mais tarde considerada subespécie de *Myotis blythii*, descrita do norte da Índia. É este o nome atualmente usado na maior parte da literatura mas os resultados de análises moleculares recentes levaram a que alguns autores tenham voltado a considerar *M. oxygnathus* como uma espécie distinta [57, 104]. No entanto, as análises até agora realizadas não permitem esclarecer de forma inteiramente satisfatória a situação taxonómica dos dois *taxa* pelo que, para manter estabilidade nomenclatural, preferimos usar aqui a designação de *M. blythii oxygnathus*.

M. blythii é morfologicamente muito semelhante a *Myotis myotis*, sendo frequentemente confundida com esta. A distinção é dificultada pelo facto de haver evidência de casos de hibridação entre as duas espécies [105] que podem resultar em exemplares com características morfológicas intermédias entre elas [106].

Os caracteres mais apropriados para distinguir as duas espécies parecem variar geograficamente. Na península Ibérica a maior parte dos indivíduos de *M. blythii* podem ser identificados externamente por terem uma cauda ligeiramente maior que o antebraccio (é menor em *M. myotis*, [16]), a ausência de coloração da extremidade do trago e, por vezes, uma tênue mancha de pelos claros no topo da cabeça.

A semelhança das vocalizações emitidas por *M. blythii* e *M. myotis* é também grande, não permitindo identificações seguras. As vocalizações destas espécies são assim, em regra, classificadas como *Myotis myotis* / *blythii* [44].

DISTRIBUIÇÃO

Global: Na Europa distribui-se ao longo da região mediterrânica, penetrando para norte até ao centro

de França, República Checa e Ucrânia. Estende-se para leste até à Mongólia e Índia, ainda que na meta-oriental da distribuição de *M. blythii* a forma *oxygnathus* seja substituída por outras subespécies, ou mesmo espécies, distintas [107-109].

Nacional: Conhecem-se colónias de *M. blythii* apenas no Algarve e em Trás-os-Montes mas têm sido registados pequenos números de indivíduos em localidades dispersas por grande parte do país [24]. Tendo em conta a dificuldade de a distinguir de *M. myotis*, uma espécie bastante mais comum, não é de excluir a possibilidade de alguns destes registos resultarem de confusão com esta última.

HABITAT

Abrigos: Em Portugal, como na região mediterrânica em geral, parece abrigar-se quase exclusivamente em grutas, galerias de minas e outros abrigos subterrâneos. Mais a norte, utiliza também outro tipo de abrigos, como por exemplo o forro dos telhados de edifícios [57].

Áreas de alimentação: Caça em geral sobre vegetação herbácea de vários tipos, como pastagens, esteques e prados [110, 111]. É nestas áreas que tendem a ser mais abundantes as suas presas preferenciais, que incluem gafanhotos verdes, ralos, escaravelhos e lagartas, muitas das quais captura diretamente da vegetação [111, 112].

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Estatuto: Criticamente em Perigo [51].

Legislação: Espécie incluída nos anexos B-II e B-IV da Diretiva Habitats e anexos II das Convenções de Berna e de Bona.

Para além de ter em Portugal uma população muito reduzida esta parece concentrar-se em apenas duas maternidades. Esta concentração num tão reduzido número de locais fragiliza grandemente a população. Agravados por um aparente declínio das populações [113], estes factos justificam que *M. blythii* seja considerada uma das espécies de mamíferos mais ameaçadas do país.

As causas da situação negativa da espécie são mal conhecidas mas deverão incluir não só a destruição e perturbação de abrigos de maternidade e de hibernação mas também a degradação dos habitats de alimentação. Este último fator é particularmente difícil de controlar devido à insuficiência de conhecimento científico sobre a espécie.

É assim importante fazer estudos que permitam identificar as áreas de alimentação mais importantes das colónias existentes, assim como sobre as condições necessárias para que a qualidade dessas áreas se mantenha ou até seja melhorada. Simultaneamente, é fundamental garantir a preservação dos abrigos utilizados pela espécie ao longo de todo o seu ciclo anual.

JORGE M. PALMEIRIM



Fotografia de Paulo Barros